

INSTITUTO GREGORIANO DE LISBOA

40 anos

RECITAL DE CANTO E PIANO

Armando Possante (Barítono) e
Luiza da Gama Santos (Piano)

Auditório CGD
Instituto Superior
de Economia e Gestão
5 de maio, 2017
21h30



LISBON
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Franz Peter Schubert

31 de janeiro de 1797, Viena

19 de novembro de 1828, Viena

Winterreise

- 1 – Gute Nacht
- 2 – Die Wetterfahne
- 3 – Gefrorne Tränen
- 4 – Erstarrung
- 5 – Der Lindenbaum
- 6 – Wasserflut
- 7 – Auf dem Flusse
- 8 – Rückblick
- 9 – Irrlicht
- 10 – Rast
- 11 – Frühlingstraum
- 12 – Einsamkeit
- 13 – Die Post
- 14 – Der greise Kopf
- 15 – Die Krähe
- 16 – Letzte Hoffnung
- 17 – Im Dorfe
- 18 – Der stürmische Morgen
- 19 – Täuschung
- 20 – Der Wegweiser
- 21 – Das Wirtshaus
- 22 – Mut
- 23 – Die Nebensonnen
- 24 – Der Leiermann

A Viagem de Inverno

Schubert iniciou a composição da Viagem de inverno em 1827, ou seja, um ano antes da sua morte. Neste ano, em casa do seu amigo Schobert, o compositor encontrou uma coletânea de poesia intitulada Urania, datada de 1823 e da qual fazia parte uma série de 12 poemas intitulada Die Winterreise, da autoria do poeta Wilhelm Müller. Schubert estava familiarizado com a escrita de Müller, já que três anos antes musicara o seu ciclo de poemas Die Schöne Müllerin (A Bela Moleira) e o ambiente soturno desta nova série de poemas te-lo-á certamente fascinado, tendo iniciado imediatamente a composição do novo ciclo.

O processo de composição implicou num tremendo esforço físico por parte do compositor, já numa fase bastante avançada da sua doença (sífilis, diagnosticada cinco anos antes) que lhe causava, entre outros sintomas, fortíssimas dores de cabeça. Foi assim um choque descobrir perto da primeira execução prevista do ciclo de 12 canções que Müller tinha na verdade escrito 24 poemas, publicados em 1824, sendo os 12 que Schubert conhecia apenas uma seleção. Apesar disto, o compositor publicou a parte já composta do ciclo mantendo a ordem em que tinha conhecido os poemas, musicando depois os restantes 12 poemas como uma segunda parte do ciclo, que viria a ser publicada em 1828, meses depois da sua morte.

A alteração da ordem dos poemas dá à Winterreise de Schubert um caráter bastante diferente da Die Winterreise de Müller. Enquanto que o poeta nos apresenta um amante traído, possivelmente por um rival mais rico, que abandona a sua cidade em desespero, passa por uma crise intensa que depois ultrapassa e reentra no mundo com uma perspetiva quase otimista. A alteração da ordem feita por Schubert que coloca todos os poemas com uma carga mais trágica e negativa perto do fim dá-nos o efeito contrário: um desespero que aumenta gradualmente levando o protagonista da raiva ao desespero, conduzindo-o pelo delírio até à loucura e à apatia, terminando com a desintegração total de vontade e identidade. O mesmo homem do realejo que podia significar um reingresso na humanidade e mesmo na sociedade é agora uma imagem fantasmagórica que retira o viajante do mundo que o rodeia.

O caráter da Viagem de inverno faz com que o ouvinte se sinta quase um voyeur, acompanhando as mais subtis alterações de humor do viajante, os seus delírios e pensamentos mais íntimos. É um ambiente claustrofóbico, criado em parte pela inexistência de personagens e de ação (ao contrário de Die Schöne Müllerin). A única ação é a caminhada, retratada desde o início da primeira canção pelo motivo de notas repetidas no baixo que se repete em quase todas as canções. Esta desolação constante e esta visão do desespero humano são certamente a razão do fascínio desta obra, tanto para o compositor que se decidiu a fazer uma obra pioneira – uma série de canções desta envergadura e duração era absolutamente inédita – como para o público, que a ouve desde há mais de 170 anos. Para quem, como alguns dos primeiros ouvintes, fica constrangido e perplexo com a atmosfera lúgubre que perpassa todo o ciclo, recordemos as palavras do próprio Schubert: “Gosto mais destas canções que de todas as outras e também vós aprendereis a gostar delas”.

Armando Possante

Armando Possante fez os seus estudos musicais no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa onde concluiu os Cursos Superiores de Direção Coral, com o Professor Christopher Bochmann, Canto Gregoriano, com a Professora Maria Helena Pires de Matos, e Canto, com o Professor Luís Madureira. Estudou Canto em Viena com a Professora Hilde Zadek e frequentou masterclasses de canto com os professores Christianne Eda-Pierre, Christoph Prégardien, Siegfried Jerusalem e Jill Feldman. Aperfeiçoou os seus estudos de Canto Gregoriano em Itália com os professores Nino Albarosa, Johannes Göschl, Alberto Turco e Luigi Agustoni.

É professor no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa. Orientou workshops no Canadá (Festival 500), Inglaterra (Congresso da ABCD), Singapura (A Cappella Festival) e em Portugal, destacando-se as Jornadas Internacionais de Música da Sé de Évora, onde trabalhou frequentemente ao lado de Owen Rees e Peter Phillips.

É diretor musical e solista do Grupo Vocal Olisipo e do Coro Gregoriano de Lisboa e membro convidado do Nederlands Kamerkoor, tendo-se apresentado em concertos na Alemanha, Bélgica, Bulgária, Canadá, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Japão, Luxemburgo, Marrocos, Polónia, Singapura e Suíça. bem como nas principais salas e festivais de música nacionais. Conquistou o 3º prémio e o prémio para a melhor interpretação de Bach no 1º Concurso Vozes Ibéricas, o 3º prémio e o prémio para a melhor interpretação de uma obra portuguesa no Concurso Luisa Todi e o 1º prémio no 7º Concurso de Interpretação do Estoril. Foi-lhe atribuído como maestro o prémio Bärenreiter para a melhor interpretação de uma obra renascentista no concurso C. A. Seghizzi em Itália e, com o Grupo Vocal Olisipo, quatro primeiros prémios e vários prémios de interpretação em concursos internacionais na Bulgária, Finlândia e Itália. Gravou mais de duas dezenas de discos com grande reconhecimento crítico, pelos quais recebeu, entre outras distinções, uma nomeação para os prémios da SPA, o Choc du Monde de la Musique e o Diapason d'Or.

Apresenta-se regularmente com a pianista Luiza da Gama Santos em recitais de Lied, tendo já interpretado obras como os ciclos Winterreise de Schubert, Dichterliebe de Schumann e Lieder eines Fahrendes Gesellen de Mahler. Como solista de oratória interpretou com as principais orquestras do país obras como Missa em Si m, Oratória de Natal, Paixão segundo São João e Magnificat de Bach, Messias de Handel, A Criação de Haydn, Nona Sinfonia de Beethoven, Petite Messe Solennelle de Rossini, Requiem Alemão de Brahms, L'enfance du Christ de Berlioz, Carmina Burana de Orff e as missas de Requiem de Mozart, Bomtempo, Fauré, Duruflé, Lopes Graça e Eurico Carrapatoso.

Tem trabalhado também na área da música contemporânea, tendo apresentado em primeira audição obras de vários compositores como Christopher Bochmann, Ivan Moody, Bob Chilcott, Eurico Carrapatoso, Luís Tinoco, António

Pinho Vargas, Pedro Amaral, Vasco Negreiros, Sérgio Azevedo, Carlos Marecos e Nuno Côrte-Real, entre muitos outros.

Estreou-se em ópera no papel de Guglielmo em *Così fan Tutte* de Mozart, tendo posteriormente participado em produções das óperas *L'Amore Industrioso*, *As Variedades de Proteu*, *Dido and Aeneas*, *The Fairy Queen*, *Venus and Adonis*, *La déscente d'Orphée aux Enfers*, *La Donna di Génio Volubile*, *La Dirindina*, *Don Giovanni*, *A Floresta*, *Corpo e Alma*, *Jeremias Fisher*, *O Sonho* e *L'Elisir d'Amore*.

Luiza da Gama Santos

Nasceu nas Caldas da Raíña onde iniciou, com seis anos de idade, os seus estudos com Adelaide Pereira, discípula de Vianna da Motta. Completou o Curso Superior de Piano do Conservatório de Lisboa na classe do Professor Campos Coelho.

Tem-se dedicado intensamente ao ensino, possuindo o Diploma de Educação e Didática Musical Método Edgar Willems. Exerceu funções docentes em Lisboa na Escola Beiral, na Academia de Amadores de Música e, mais recentemente, no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde assumiu o cargo de vice-presidente do Conselho Executivo. Tem representado Portugal em congressos e estágios internacionais em França, Alemanha, Suíça e Itália. Integra, desde julho de 1998, a Direção da Association Internationale d'Éducation Musicale Willems, com sede em França. Fez parte da Direção da Associação Portuguesa de Educação Musical. Formou com João Pinheiro a equipa responsável pelos "Momentos Musicais", uma atividade do Acarte (Fundação Calouste Gulbenkian) destinada a crianças. Com Ignez Mazoni publicou o livro de canções inéditas "Cantigas para crianças" (Editora Portugal-mundo). Colaborou com Ana Maria Ferrão e Paulo Ferreira Rodrigues no livro "Sementes de Música" (Fundação Gulbenkian, Editora Caminho) Sob a orientação de Helena de Sá e Costa, tem mantido a sua atividade de pianista. Frequentou classes de Música de Câmara com Tibor Varga. Tem-se aconselhado com Maria Christina Lino Pimentel, Nuno Vieira de Almeida, Jorge Moyano (Portugal), Désiré N'Kaoua e Dominique Merlet (França). Tem-se apresentado em recitais a solo e de música de câmara. Nos anos 80 colaborou intensamente com o flautista Carlos Franco, com quem gravou para a RTP um recital integrado no programa *Adagio*.

Atualmente colabora regularmente com o barítono Armando Possante, nomeadamente em recitais realizados na Antena 2, nos festivais da Póvoa do Varzim, Música no verão (Esposende), Eborae Musica e ainda na "Semana Internacional do Piano de Óbidos".

Traduções

1 - Boa Noite

Cheguei aqui como um estranho
Como um estranho volto a partir.
O mês de maio presenteou-me
Com muitos ramos de flores.

A donzela falou de amor,
A mãe até de casamento –
Agora o mundo está tão desolado
O caminho coberto de neve

Para a minha viagem
Não posso escolher a hora:
Devo encontrar o caminho
Nesta escuridão.

Uma sombra criada pela lua
É a minha companheira,
E procuro nos campos brancos
As pegadas dos veados.

Porque havia de demorar mais
Até ser escorraçado?
Deixem os cães vadios uivar
Às portas dos seus donos.
O Amor tem prazer em passear –
Deus fê-lo assim –
Passar de um para outro.
Bela amada, boa noite!

Não vou perturbar-te os sonhos,
Seria pena interromper-te o descanso,
Não ouvirás os meus passos –

Doce, docemente fecha-se a porta!
Escrevo na tua porta
“Boa Noite”, ao partir
Para que possas ver
Que pensei em ti.

2 - O Catavento

O vento brinca com o catavento
Na casa da minha bela amada
Pensei no meu delírio que assobiava
Troçando do pobre fugitivo.

Ele devia ter notado mais cedo
Este sinal sobre a casa.
Assim nunca lá teria procurado
Uma mulher fiel.

Dentro o vento brinca com os corações
Como no telhado, mas não tão alto.
Que cuidam eles da minha dor?
A sua filha é uma noiva rica.

3 - Lágrimas geladas

Gotas geladas correm
Pela minha face;
Não terei sequer notado
Que chorei?

Ah lágrimas, minhas lágrimas
Sereis vós tão tépidas
Que vos transformais em gelo
Como o frio orvalho da manhã?

E no entanto jorrais tão escaldantes
Da fonte do meu peito
Como se quisésseis derreter
Todo o gelo do inverno

4 - Entorpecimento

Procuro na neve em vão
O vestígio dos seus passos,
Onde ela, pelo meu braço,
Passeou pelos verdes campos
Eu quero beijar o chão,
Penetrar o gelo e a neve
Com as minhas lágrimas quentes
Até poder ver a terra.

Onde encontrarei uma flor?
Onde encontrarei erva verde?
As flores estão mortas
A erva parece tão pálida

Não levarei eu então
Qualquer recordação daqui?
Se a minha dor acalmar,
Quem me falará dela?

O meu coração está como morto
A imagem dela gelada no seu interior:
Se ele voltar a degelar
Também a imagem se dissipará

5 - A Tília

Junto à fonte frente à porta
Está uma Tília;
Sonhei à sua sombra
Muitos sonhos doces.

Gravei no seu tronco
Muitas palavras de amor;
Na dor e na alegria
Sempre me atraía.

Também hoje passei ao seu lado
Na noite profunda,
E mesmo na escuridão
Fechei os olhos.

E os seus ramos murmuravam,
Como chamando por mim:
“Vem a mim, companheiro,
Aqui encontrarás a tua paz!”

O vento gélido soprava
Na minha face,
O chapéu voou-me da cabeça,
Eu não me voltei

Agora estou a muitas horas
De distância daquele local,
E ouço sempre o murmúrio:
“Aqui encontrarás a paz!”

6 - Torrente

Muitas lágrimas dos meus olhos
Cairam sobre a neve;
Os seus frios flocos bebem
Sofregamente a dor quente.

Quando a erva despontar
Soprarão tépidos os ventos,
E o gelo irá estilhaçar-se
E a neve macia derreter.

Neve, sabes o meu anseio:
Diz-me, onde conduz o teu caminho?

Segue apenas as minhas lágrimas,
Logo te levará o rio.

Atravessarás com ele a cidade,
Dentro e fora das suas ruas animadas;
Quando sentires as minhas lágrimas
queimar,
Aí é a casa da minha amada.

7 - No rio

Tu que corrias tão alegre,
Rio claro e bravio,
Como te tornaste silencioso,
Nem te despedes de mim.

Cobriste-te com uma camada
Dura e forte.
Jazes frio e imóvel,
Estendido na areia.

Gravei na tua capa
Com uma pedra afiada
O nome da minha amada
E a hora e o dia.

O dia da primeira saudação,
O dia em que parti;
Em redor de nome e data
Gravei um anel quebrado.

Meu coração, reconheces agora
A tua imagem neste rio?
Não se agita também sob a sua capa
Uma violenta torrente?

8 - Olhar para trás

Os meus pés queimam,
Apesar de andar sobre neve e gelo,
Queria não voltar a respirar
Até deixar de ver as torres

Tropecei em todas as pedras,
Tal a pressa de deixar a cidade;
As gralhas em todas as casas
atiraram gelo e neve ao meu chapéu.

Como foi diferente o teu acolhimento,
Cidade da inconstância!

Nas tuas janelas brilhantes competiam
Cotovias e rouxinóis nas suas canções.

As Tílias frondosas floresciam,
Os claros regatos murmuravam alegre-
mente

E, ah! Os olhos de uma donzela brilha-
vam!

O teu destino estava selado, Compa-
nheiro!

Quando esse dia me vem à memória,
Gostaria de olhar para trás mais uma vez
Gostaria de regressar, vacilante,
E ficar, silencioso, frente à sua casa

9 - Fogo fátuo

Um fogo fátuo atraiu-me
Ao mais profundo abismo rochoso
Como encontrar uma saída
Não inquieta a minha mente

Estou acostumado a vaguear;
Todos os caminhos têm um fim:
A nossa alegria, a nossa dor,
São uma brincadeira do fogo fátuo.

Pelo leito seco do rio
Sigo calmamente o meu caminho;
Todo o rio alcança o mar,
Toda a dor alcança o túmulo.

10 - Repouso

Apenas ao deitar-me para descansar
Me apercebo do meu cansaço;
A caminhada manteve-me animado
No caminho inóspito;

Os pés não pediam descanso,
Estava demasiado frio para parar
As costas não sentiam o fardo;
A tempestade empurrava-me em frente.

No pequeno casebre de um carvoeiro
Encontrei abrigo;
Mas os meus membros não têm repouso
Tal ardem as suas feridas.

Também tu, meu coração, feroz e
audaz

Na luta e na tempestade;
Sentes pela primeira vez nesta calma
O ardente ferrão do verme que te corroí.

11 - Sonho de primavera

Sonhei com flores coloridas
Como florescem em maio;
Sonhei com verdes prados,
Com o alegre cantar dos pássaros.

E quando os galos cantaram,
Acordaram os meus olhos;
Estava frio e escuro,
Gralhavam os corvos no telhado.

Mas quem pintou folhas
Nos vidros da janela?
Vós rides do sonhador
Que viu flores no inverno.
Sonhei com amor correspondido,
Por uma linda rapariga,
Com corações e beijos,
Com felicidade e êxtase.

E quando os galos cantaram,
Acordou o meu coração;
Agora sento-me aqui só
E penso sobre o sonho.

Fecho de novo os olhos;
O coração bate ainda quente.
Quando ficareis vós verdes, folhas na
janela?
Quando terei eu o meu amor nos meus
braços?

12 - Solidão

Como uma nuvem escura
Passa no ar sereno,
Quando uma brisa suave sopra
Movendo as copas dos abetos:

Assim faço o meu caminho,
Com passos arrastados,
Através da vida alegre e brilhante,
Só e sem uma só saudação.

Ah, como o ar está sereno!
Ah, como o mundo está luminoso!
Quando as tempestades ainda rugiam
Eu não era tão infeliz.

13 - O Correio

Da rua vem o som de uma corneta de
carteiro.

O que tem, para te fazer saltar tão alto,
Meu coração?

O carteiro não traz nenhuma carta
para ti.

Porquê então esta estranha pressão,
Meu coração?

Pois sim, o carteiro vem da cidade
Onde eu tinha um amor querido,
Meu coração!

Querias ir ver mais uma vez
E perguntar como estão as coisas,
Meu coração?

14 - A cabeça grisalha

A geada cobriu a minha cabeça
Com um brilho branco,
Pensei ser já um velho
E alegrei-me muito.

Mas rapidamente derreteu
Tenho de novo cabelo negro,
Horrorizo-me com a minha juventude –
Tão longe ainda o túmulo!

Entre o crepúsculo e a alvorada
Muitas cabeças encaneceram.
Quem diria! A minha não,
Em toda esta viagem!

15 - O corvo

Um corvo acompanhou-me
Ao deixar a cidade.
Até hoje, sem descanso,
Tem voado sobre a minha cabeça.
Corvo, estranho animal,

Não me queres deixar?
Crês que terás em breve
O meu corpo como presa?

Bem, já não é longo o caminho
A fazer com o meu bordão.
Corvo, deixa-me ver, por fim,
A fidelidade até à morte.

16 - Última esperança

Aqui e ali nas árvores
Ainda se vêem várias folhas coloridas
E eu paro muitas vezes frente às árvores
Perdido em pensamentos.

Fito uma dessas folhas
Deposito nela a minha esperança;
O vento brinca com a minha folha,
Eu tremo com todo o meu ser.

Ah! Se a folha cai ao chão
Cai com ela a esperança,
Caio eu próprio ao chão
E choro na campa da minha esperança

17 - Na aldeia

Os cães ladram, arrastam as correntes.
Os homens dormem nas suas camas,
Sonham com muitas coisas que não têm
Encontram consolo no bem e no mal;
E cedo de manhã tudo se terá desva-
necido

Bem, eles gozaram o seu quinhão
E esperam encontrar o que ainda têm
para gozar
Nas suas almofadas.

Expulsem-me com vossos latidos, cães
vigilantes,
Não me permitais descanso na hora do
sono!

Eu estou no fim de todos os sonhos –
Para quê perder tempo entre os que
dormem?

18 - Manhã de Tempestade

Como a tempestade rompeu
O manto plúmbeo do céu!
Farrapos de nuvens flutuam
Numa luta fatigada.

E chamam escarlates
Dardejam por entre eles:
Isto é o que eu chamo uma manhã
De acordo com o meu sentir!

O meu coração vê a sua própria imagem
Pintada no céu.
Não é senão o inverno,
O inverno frio e cruel!

19 - Ilusão

Uma luz dança alegremente em frente
a mim
Eu sigo-a por todo o lado;
Sigo-a com gosto e apercebo-me
Que ela ilude o viajante.

Ah! Quem é tão infeliz como eu
Entrega-se de boa vontade ao engodo,
Por trás do gelo, da noite e do horror
Revela uma casa luminosa e quente
E lá dentro uma alma querida;
A ilusão é o meu único ganho!

20 - A tabuleta

Porque evito os caminhos
Que os outros viajantes tomam,
E procuro trilhas escondidas
Entre os rochedos nevados?

Não fiz nenhum mal
Para evitar os Homens;
Que louco anseio é este
Que me conduz à desolação?

Há tabuletas nas estradas
Que indicam as cidades,
E eu vagueio sem descanso,
Sem paz e procurando paz.

Vejo uma tabuleta,
Imóvel diante de mim,
Devo seguir por um caminho
Do qual nunca ninguém voltou.

21 - A estalagem

O meu caminho trouxe-me
Até um cemitério.
É aqui que quero entrar,
Pensei eu para comigo.

Vós, verdes coroas fúnebres,
Sois certamente o sinal
Que convida o viajante cansado
Para entrar na fresca estalagem.

Estarão, então, nesta casa
Todos os quartos tomados?
Estou a desfalecer de cansaço,
Estou ferido mortalmente.

Oh, estalagem impiedosa,
Ainda assim me recusas?
Àvante, então, sempre àvante
Meu fiel bastão.

22 - Coragem!

Se a neve me voa para o rosto
Sacudo-a de um gesto.
Se o meu coração me fala no peito
Canto alto e com alegria.

Não ouço o que ele me diz,
Não tenho ouvidos;
Não sinto os seus lamentos,
Lamentos são para os tolos.
Alegremente vou pelo mundo,
Contra o vento e a tempestade.
Se não há um Deus na terra,
Sejamos nós próprios deuses.

23 - Os sóis fantasmas

Vi três sóis brilhar no céu,
Fitei-os longa e intensamente,
E também eles ficaram lá, tão fixos,
Como se não me quisessem deixar.

Ah! Vós não sois os meus sóis!
Fixai-vos noutras faces!
Sim, há pouco tempo, também eu tinha
três sóis
Agora os dois melhores já se puseram
Se apenas o terceiro se pusesse também!
Estarei melhor na escuridão.

24 - O homem do realejo

À entrada da aldeia
Está um tocador de realejo,
Com dedos entorpecidos
Gira a manivela, como pode
Descalço sobre o gelo
Vacila para cá e para lá,
E o seu pequeno prato de esmolas
Permanece sempre vazio.
Ninguém gosta de o ouvir,
Ninguém olha para ele,
E os cães rosnam
Em volta do velho.
E ele deixa tudo
Ser como é,
Gira a manivela
E o realejo nunca pára.
Estranho velho,
Devo partir contigo?
Queres tocar o teu realejo
E acompanhar as minhas canções?



O Instituto Gregoriano de Lisboa agradece ao
Instituto Superior de Economia e Gestão a amá-
vel cedência do auditório CGD

Concertos

5 de maio 2017 - 21h30

Auditório CGD do Instituto Superior de Economia e Gestão
Recital de Canto e Piano, Armando Possante (Barítono)
e Luiza da Gama Santos (Piano)

7 de maio 2017 - 16h

Igreja de N. Sr.^a de Fátima
Concerto de Órgão e Canto Gregoriano,
António Esteireiro (Órgão) e
Coro Gregoriano de Lisboa (Armando Possante, Direção)

12 de maio 2017 - 21h30

Auditório CGD do Instituto Superior de Economia e Gestão
Recital de Piano, Ricardo Martins

19 de maio 2017 - 21h30

Auditório CGD do Instituto Superior de Economia e Gestão
Recital de Piano, Luis Machado

26 de maio 2017 - 21h30

Auditório CGD do Instituto Superior de Economia e Gestão
Recital de Música de Câmara, Elsa Cortez (Soprano),
Ana Margarida Sanmarful (Violino),
Joana Almeida (Violoncelo), Ilda Rodrigues (Piano)

28 de maio 2017 - 16h

Auditório do Museu Nacional de Arte Antiga
Recital de Flauta de Bisel e Cravo,
António Carrilho (Flauta de Bisel) e Cristiano Holtz (Cravo)

2 de junho 2017 - 21h30

Casa Museu Anastácio Gonçalves
Recital de Música de Câmara,
António Carrilho (Flauta de Bisel), Marcos Lázaro (Violino),
Nelson Ferreira (Violoncelo) e Sérgio Silva (Cravo)